

A RELAÇÃO ENTRE TAREFA ESCOLAR E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

THE RELATIONSHIP BETWEEN SCHOOL HOMEWORK AND DOMESTIC VIOLENCE

Leidileila Lacerda Bento⁴

Joyce Borges Medeiros⁵

Gilson Xavier de Azevedo⁶

RESUMO: A pesquisa tem como objetivo discutir a relação entre a tarefa escolar e a violência doméstica, levando-se em consideração que o dever de casa faz parte da metodologia de ensino empregada pelo professor já há muito tempo, e que divide opiniões, mas que tem se contribuído com o processo de aprendizagem. A partir das leituras e levantamentos prévios, notou-se que existe uma certa relutância por parte das famílias ou responsáveis pela criança, que enxergam a atividade como pouco importante ou desnecessária. Contudo, a aplicação da tarefa escolar no processo de aprendizagem faz da parte da rotina escolar, mesmo que por diferentes objetivos, não havendo na maioria das vezes uma discussão sobre sua intencionalidade. Questiona-se quais as evidências bibliográficas da existência de uma relação entre tarefa escolar e violência doméstica. Aborda-se por hipótese que atividades escolares devem ter como eixos estruturantes as interações e desenvolvimento do indivíduo em situação de aprendizagem para assim oportunizar as aprendizagens essenciais à sua formação sem tomar muito tempo nem dele e nem da família. A Metodologia utilizada foi a pesquisa Exploratória de caráter bibliográfico com pesquisa de campo. A construção bibliográfica levou em consideração a busca de conteúdo a partir dos descritores: Scielo+tarefa+escolar+violência+doméstica. A seleção de fonte se deu pelo critério de data da publicação a partir de 2000 e por relevância e adequação à proposta de pesquisa. A pesquisa de campo foi aberta e disponibilizada em rede social por uma semana. Acredita-se que a pesquisa traz como resultado um limiar de discussões que precisam ser feitas no âmbito da relação apresentada.

Palavras-chaves: Tarefa escolar. Violência doméstica. Aprendizagem.

ABSTRACT: The research aims to discuss the relationship between school work and domestic violence, taking into account that homework is part of the teaching methodology used by the teacher for a long time, and that divides opinions, but that has contributed to the learning process. From previous readings and surveys, it was noted that there is a certain reluctance on the part of families or those responsible for the child, who see the activity as unimportant or unnecessary. However, the application of the school task in the learning process is part of the school routine, even if for different purposes, and in most cases there is no discussion about its intentionality. It is questioned what is the bibliographic evidence of the existence of a relationship between school work and domestic violence. It is hypothesized that school activities should have as structuring axes the interactions and development of the individual in a learning situation, in order to provide opportunities for learning essential to his/her formation without taking up much of his or his family's time. The methodology used will be that of a Field Study authorized by the Ethics Committee CAAE 28771614.3.0000.0037. The textual construction took into account the search for content based on the descriptors: Scielo+task+school+violence+domestic. The source selection was based on the criterion of publication date from 2000 and on relevance and adequacy to the research proposal. In the field study, the data discussed were collected via a form made available on a social network for a week and respondents did not need to identify themselves, just consent to respond and be over 18 years old. It is believed that the research brings as a result a threshold of discussions that need to be done within the scope of the presented relationship.

Keywords: Homework. Domestic violence. Learning.

⁴ Graduada em Pedagogia pela UEG, Câmpus Sudoeste (leidi.lbs@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1794-9135>

⁵ Graduada em Pedagogia pela UEG, Câmpus Sudoeste (jooycemedeiros70@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1878-7353>

⁶ (Orientador) PHD em Educação pela (PUC-GO). Docente UEG. (gilson.azevedo@ueg.br). ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5207-1351>






















INTRODUÇÃO

Para iniciar a pesquisa, é preciso lembrar que o espaço educacional formal é constituído por diretrizes, normas e concepções pedagógicas, compreendidas mediante análise dos fundamentos teóricos correlacionados com a práxis educativa que compreende momentos presenciais em sala de aula e não presenciais na residência do estudante, daí a necessidade de analisar a relação dos conceitos referentes à tarefa escolar e a violência doméstica que fazem parte da realidade do estudante.

A tarefa escolar é, de início, tão antiga quanto a própria educação e remonta à Grécia Clássica, quando após o Licurgo dar seus ensinamentos aos iniciados deixava-os com o incumbido de produzir argumentos para a aula seguinte. Desse modo, a tarefa escolar teria por função a fixação e o aprofundamento de conteúdos ora estudados.

Justifica-se essa pesquisa pela observação, durante as práticas do projeto de extensão, denominado “Neuroeducação”, vinculado à UEG Câmpus Sudoeste, que boa parte das crianças atendidas pelo API, Atendimento Pedagógico Individualizado, não tinham acompanhamento em casa ou, quando tinham, queixavam-se que o pai ou a mãe não tinham “paciência de ensinar”, conforme os relatos ouvidos.

Esta pesquisa tem como objetivo levantar uma reflexão a respeito da relação entre a tarefa escolar e a violência doméstica, sabendo que as atividades de aprendizagem que a criança desenvolve em casa fazem parte da metodologia de ensino empregada pelo professor já há muito tempo, bem como da rotina escolar.

Por meio do estudo, foram encontradas referências bibliográficas que comprovam a contribuição da tarefa escolar para o processo de ensino- aprendizagem, todavia existe uma certa relutância por parte da família ou responsáveis pelo estudante ao considerarem a atividade desnecessária ou excessiva.

Contudo, a aplicação da tarefa escolar no processo ensino-aprendizagem faz parte da rotina escolar e contempla, em seu bojo, diferentes objetivos, apesar de não haver na maioria das vezes uma discussão sobre sua intencionalidade.

O problema ora discutido está relacionado ao fato de que muitos pais não têm tempo de acompanhar os filhos na execução de tais tarefas, nesse caso a violência é uma espécie de omissão, ou até acompanham, mas não têm formação escolar suficiente para tal feita, sendo nesse caso a violência estrutural; ainda ocorre o desequilíbrio psicológico para lidar com as dificuldades da criança e do processo.



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

A partir desses pressupostos, questiona-se: as referências adotadas para esta pesquisa apontam para um elevado número de situações de violência doméstica no momento da execução e do acompanhamento de tarefas escolares?

Dessa maneira o trabalho se propõe a destacar o papel do educador enquanto profissional capaz de identificar e acolher o estudante que sofre com esses tipos de violência.

As atividades escolares têm como eixos estruturantes a interação e o desenvolvimento do estudante para oportunizar as aprendizagens essenciais à sua formação. O estudo procura elementos históricos e pesquisas realizadas por autores que se dedicaram ao tema a fim de criar uma perspectiva do conceito da tarefa escolar, assim como a importância do dever de casa para estudantes, professores e pais. A ideia é levantar uma reflexão sobre esses conceitos e relacioná-los à violência doméstica. Para tanto, a relação família e escola, assim como a atuação do professor juntamente com a família são, sem dúvida, uma questão merecedora de estudos na educação.

A Metodologia utilizada foi a pesquisa exploratória de revisão bibliográfica fundamentada em autores como Bueno (2012), Souza (2010), Barros (2015). Buscou-se inicialmente pela expressão “scielo+tarefa+escolar”, quando analisados os primeiros vinte artigos, dos quais, selecionados os compreendidos no recorte de tempo entre 2010 e 2022, foram eleitos 3 artigos que mais atendiam ao que se pretendia tratar com tal expressão. Depois, buscou-se a expressão “scielo+violência+doméstica+tarefa+escolar” e, novamente no mesmo recorte temporal foram separados 5 artigos. Ambas as seleções comporão esse referencial teórico, cuja análise das fontes foi qualitativa. A presente pesquisa também se caracteriza como pesquisa de campo com aplicação aberta de questionário por uma semana (<https://forms.gle/QHpimWGGMFT2yPF6>), autorizado pelo Comitê de ética pelo CAAE 28771614.3.0000.0037, no qual buscou-se analisar se os respondentes, em sua abordagem das questões, evidenciam formas específicas de violência, abandono, descaso ou indiferença em relação à questão central aqui abordada.

O primeiro tópico abordará conceitos essenciais a respeito de tarefa escolar enquanto exercício social, quando a família se envolve com o trabalho escolar e, passa conseqüentemente, a conhecer de perto o desempenho estudantil do seu filho, além de propor a interação entre a família durante as realizações das atividades. A importância de traçar objetivos e planejar as tarefas de casa também serão tema de discussão nesse capítulo.

Já o segundo tópico tratará de questões referentes a violência doméstica praticada contra as crianças, em suas mais diversas formas, vez que essa análise desperta a necessidade



de uma proposta de intervenção, a qual surge como maneira de proteger e amenizar os danos causados pela violência, agindo assim como forma de auxílio ao processo de desenvolvimento do estudante que sofre agressão.



Da mesma maneira é indispensável elencar os diversos conceitos de violência, ou casos de omissão dos pais, parentes e responsáveis que têm causado danos psicológicos e físicos à criança. Contudo, a criança tem conquistado direitos durante a história e há uma urgência de colocar esses direitos em prática.



No tópico seguinte o foco é na relação existente entre a tarefa escolar e a violência doméstica contra a criança. A partir da abordagem da questão da tarefa escolar e sua importância, enquanto reforço de aprendizagem e violência doméstica e como essa última afeta o comportamento social da criança, serão formulados aspectos sistemáticos que confirmarem a relação entre as duas vertentes.



Assim, serão apresentados conceitos referentes à violência doméstica contra a criança e como ela pode afetar o desenvolvimento escolar do estudante. É fato que as emoções vivenciadas pela criança afetam de forma negativa a estrutura neuronal, colocando em risco os fatores que comprometem o desenvolvimento da criança.

REEDUC
REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO



1 TAREFA ESCOLAR: UM EXERCÍCIO SOCIAL



A tarefa escolar tem importância vital nos processos de aprendizagem escolar. Nesse sentido, o objetivo desse primeiro capítulo é discorrer sobre o significado, a necessidade e a relevância da tarefa escolar para o desenvolvimento do estudante.



Segundo Libâneo (1994, p. 192) as tarefas escolares exercem uma “função social, pois por meio delas os pais tomam contato com o trabalho realizado na escola, na classe dos filhos, sendo um importante meio de interação dos pais com os professores e destes com aqueles”. A partir da tarefa escolar a família tem a oportunidade de acompanhar e conhecer de perto o desenvolvimento do seu filho e o trabalho do professor.



Para que haja de fato o sucesso escolar é preciso analisar duas ordens de causas que se encontram entrelaçadas na história do estudante, sendo a primeira a estrutura familiar e, a segunda, o próprio sistema escolar, ambos determinantes para o desenvolvimento do estudante e formação humana do mesmo (LIBÂNEO, 1994).



Para Calcagni (2012) a tarefa escolar possui um sentido pedagógico que não pode ser visto apenas como uma aprovação para o professor, ou como meio de adquirir nota, mas antes



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

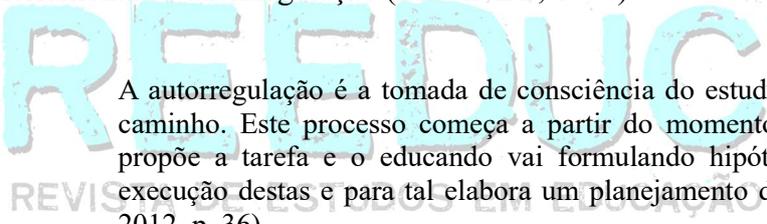


UEG

como maneira de despertar no estudante o desejo de aprender e buscar novos conhecimentos, e além da aprendizagem de assuntos antes desconhecidos. Já para o professor a tarefa escolar pode ser uma oportunidade de análise da aprendizagem de seu estudante, orientando para a elaboração de novas atividades.

A correção da tarefa escolar é indispensável, pois por meio dessa ação o professor consegue perceber as dificuldades do seu estudante, as habilidades já adquiridas, ou seja, o profissional passa a perceber o que precisa melhorar, o que deve ser trabalhado e atribuído ao desenvolvimento do estudante (LIBÂNEO, 1994).

Outro quesito capaz de ser atribuído por meio da tarefa escolar é a autonomia do estudante, sendo que lhe é permitido observar os próprios erros, dando a oportunidade de gerenciá-los. Nesse contexto a tarefa escolar toma a forma de uma ferramenta importantíssima capaz de auxiliar o estudante na busca do aprender. A partir do exposto, a tarefa escolar sugere uma forma de ferramenta de autorregulação (LIBÂNEO, 1994).


REEDUC
REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO

A autorregulação é a tomada de consciência do estudante na busca por um caminho. Este processo começa a partir do momento em que o professor propõe a tarefa e o educando vai formulando hipóteses de como será a execução destas e para tal elabora um planejamento de ação (CALCAGNI, 2012, p. 36).

Compreende-se com isso que a autorregulação capacita o estudante a traçar metas e objetivos a partir de estratégias e ações em busca e seu próprio progresso.

As melhorias das condições para a educação são atualmente um dos temas mais discutidos entre os pesquisadores do campo da qualidade educacional, inclusive porque os problemas de aprendizagem têm se erguido como uma enorme barreira ao desenvolvimento do estudante. Nessa perspectiva, a Intervenção pedagógica deve acontecer como forma de superação dos problemas e dificuldades de aprendizagem.

Para o educador o tema tarefa escolar é fundamental, isso porque não basta o professor planejar as atividades para seu estudante fazer em casa com ajuda dos pais/responsáveis, mas sim entender como funciona esse conceito também empregado como forma de ajudar na aprendizagem do estudante. É inegável que a tarefa escolar possui a característica de provocar no estudante a responsabilidade e o dever da rotina escolar, tornando-se fator de desafio (CALCAGNI, 2012).

Quando há preocupação do estudante com a devolutiva dessas atividades e, até mesmo o acerto da mesma, voltando ao conceito de que essa atividade faz parte de um plano pedagógico



estabelecido pelo professor e presente constantemente durante a história da educação na rotina escolar, o estudante pode avançar nos graus de complexidade de cada conteúdo e construir um olhar mais sistêmico sobre os conteúdos estudados.



Existem opiniões contrárias a respeito da tarefa escolar, isso porque depende do envolvimento do estudante fora da sala de aula, sendo que, alguns pais questionam a necessidade desse tipo de atividade. Nota-se uma maior aceitação pelas crianças da Educação Infantil, sempre empolgadas com a rotina escolar, mas os estudantes do Fundamental já começam a manifestar aversão e cansaço em relação à rotina escolar. Talvez por isso algumas escolas, sobretudo as privadas, optam por não enviar tarefa na sexta-feira.



Em geral não existe um consenso em relação ao quantitativo de tarefas. No caso dos pais que já chegam cansados do trabalho, e ainda têm que ajudar os seus filhos na resolução das atividades, as tarefas escolares tornam-se extenuantes e acabam por estressar a relação com o filho ou filha que deveria ser de proximidade e aconchego.



Já no caso de pais que primam pela quantidade não passar tarefa na sexta-feira por significar perda de aprendizagem, mesmo quando não têm tempo e emocional para acompanhá-las. Alguns até mencionam que não sentam com a criança porque querem estimular a autonomia, mas o fato é que fazer tarefa com a criança é valorizar seu saber e capacidade (CALCAGNI, 2012).



Professores, por sua vez, são mais ou menos concordes em considerar a tarefa escolar uma prática educativa que permite ao estudante dar continuidade à aprendizagem. É para o professor a sistematização do aprendizado e aprofundando dos conhecimentos construídos em sala.



Articulado ou não ao conteúdo escolar, o que nos move a estudar é o fato de que os deveres não se constituem em pauta nos cursos de formação (nem inicial e nem em conteúdo). Dependendo da sua área de atuação, o professor apresenta diferentes intenções pedagógicas e, considerando o contexto em que está inserido, vai reproduzir ou não essa prática não reflexiva. Podemos afirmar que, enquanto prática curricular, os deveres escolares constituem-se em uma tradição escolar, assumem certa importância na relação escola-família, são polêmicos enquanto assunto de senso comum. No âmbito da pesquisa acadêmica científica, este tema vem despertando atenção especial nos últimos anos, percebendo-se um número maior de dissertações de mestrado e trabalhos de conclusão que o abordam, embora a produção sobre o tema ainda seja escassa (BUENO, 2012, p. 46).



Para a autora, esse assunto não é uma pauta nos cursos de formação e o professor precisa caracterizar como irá reconhecer a intencionalidade das tarefas e com quais intenções

elas serão conduzidas. A prática precisa ser repensada e avaliada em seu papel na relação escola-família, vez que mesmo sendo uma temática importante, ainda é um tema pouco explorado.

No Brasil, em particular, os estudos referentes ao tema são bem atuais, podendo ser encontradas nas pesquisas importantes referências como “lição de casa é o único momento em que a criança está longe da escola e se encontra com o que sabe e o que não sabe” (MOÇO, 2010, p. 40).

Nesse contexto, o para casa, atividade de fixação ou tarefa escolar pode ser vista como um método que o professor utiliza para despertar no estudante o gosto por estudar e fazer leitura e escrita fora da sala de aula, ou seja, o educador provoca no estudante a iniciativa ou compromisso com os estudos. O novo estilo de gestão educacional evidencia um modelo de gestão democrática, em que toda a comunidade escolar é convidada a participar das atividades referentes ao processo formativo (MOÇO, 2010).

Por isso o professor, ao elaborar e aplicar uma tarefa escolar, contribui para a participação da família na vida escolar do estudante. A coordenação pedagógica está ao lado do professor para colocar em prática um modelo de ensino participativo, e deve estar aberto a novas ideias e opiniões de sua equipe, pois cada uma delas conhecem os diferentes pontos e necessidades de sua área, essa ação eleva ainda mais a relação e o trabalho de uma forma geral.

Discutir importantes temas com os professores, pais e estudantes podem fazer toda diferença, trazer para o processo de aprendizagem as necessidades dos estudantes, incentivando o trabalho do professor na construção do processo de ensino e desenvolvimento do discente.

Dessa forma, as atividades de aprendizagem não precisam ser somente administradas dentro dos muros da escola, mas sim abrir esse leque de possibilidades ao levar o processo de aprendizagem para os lares, refletindo positivamente no ambiente educacional. Logo o educador precisa focar nos objetivos de aprendizagem e construir, de forma prazerosa, as tarefas a serem realizadas pelos estudantes (BUENO, 2012).

1.1 A importância de traçar objetivos e planejar as tarefas de casa

A nomenclatura também sofre mudanças de acordo com os pesquisadores, sendo possível encontrar os termos tarefa escolar, para casa, tarefa de casa ou lição de casa, porém todas as pesquisas selecionadas (LIBÂNEO, 1994; CALCAGNI, 2012; BUENO, 2012; MOÇO, 2010; FERNANDES, 2011) relacionam a tarefa escolar com o ambiente familiar, não necessariamente abordando a questão proposta que é seu envolvimento com a violência familiar no momento da execução dessas tarefas.



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

Dessa forma, o papel principal do ensino é garantir a aprendizagem, sendo esta o processo de aquisição e assimilação de novos padrões e formas de percepção e formação de valores. Para que ocorra o ensino-aprendizagem é necessário que haja uma relação de interesses dos objetivos a serem atingidos, entre professor e estudante (MOÇO, 2010).

A escola, por ser o espaço socialmente constituído para o indivíduo assimilar novas formas de conhecimento, introduz conceitos de responsabilidade com os deveres em sala de aula e, porque não dizer, além dela. Para o educador torna-se indispensável compreender e conhecer as questões que implicam as práticas de ensino-aprendizagem e, por isso, da necessidade de refletir o sentido das tarefas de casa. É por intermédio da realização delas no processo que haverá a composição dos novos conhecimentos pelos estudantes (BUENO, 2012).

Não se pode considerar que o único papel exercido pelo professor seja o de se ensinar mecanicamente, sem levar em consideração a vivência do estudante, pois na realidade deste deve haver espaço para a continuação da aprendizagem e tempo para se dedicar às tarefas escolares. Nesse caso, a maior dificuldade encontrada pelos docentes é a da efetivação do processo de aprendizagem, pois não conseguem fazer uma interação entre o conhecimento escolar e as condições reais dos seus estudantes (BUENO, 2012).

Dessa forma, se o professor sozinho não consegue efetivar a aprendizagem transformadora, existe a possibilidade de a família inserir-se ou ser intencionalmente inserida dentro desse processo. Para tanto, professor e pais precisam alinhar seu discurso, reconhecer o porquê de se usar o recurso das tarefas escolares, perceber que não se trata de uma ação quantitativa e sim qualitativa (FERNANDES, 2011).

A transformação dessa concepção errônea de que a família não tem tempo para auxiliar a criança nas tarefas escolares, ou que a mesma é um castigo para a criança, depende de como essa ideia é concebida por todos, estudantes, professores e familiares. O sistema educacional deve impulsionar a ação da escola e as mudanças têm de ser orientadas para que os professores em suas salas de aula possam responder com maior facilidade às necessidades dos estudantes (FERNANDES, 2011).

É preciso reconhecer que são os estudantes os destinatários principais das reformas empreendidas e os que delas devem beneficiar-se. Por isso, não se deve esquecer que o gosto pelo apreender precisa ser depositado na criança, e a escola tem delegado aos professores essa tarefa á fim de que haja êxito escolar (LIBÂNEO, 1994).

Entre os fatores que explicam a diferença no pensamento a respeito da tarefa escolar é necessário incluir a opinião do próprio estudante, pois os conhecimentos e as motivações dele



estão em grande medida condicionados por seu meio social, sua vida familiar e também experiência educacional. O fato é que os estudantes estão cada vez mais heterogêneos pela presença de grupos de diferentes culturas, classes sociais, capacidades e motivações que tornam complexa a compreensão dos sentidos a esse respeito e mesmo quando à tarefa de ensinar (BUENO, 2012).



O professor tem desenvolvido seu papel com muito empenho, até porque é um dos principais agentes no desempenho educacional, pois mediante a leitura de realidade fica evidente que a função do docente é muito mais que ensinar a ler e escrever (LIBÂNEO, 1994).



Vale ressaltar que esse papel não depende exclusivamente do professor, pois a escola é um espaço social em que o reconhecimento da sua função será valorizado pela sociedade ali inserida. Tanto professores como diretores de escolas necessitam de informação, apoio e treinamento, inclusive durante sua formação inicial. A educação não é uma tarefa que a escola possa realizar sem a cooperação de outras instituições, como a família, por exemplo, e apoio da sociedade.



Mesmo a educação se colocando como transmissora de valores muitos não possuem essa consciência. No caso das atividades a serem realizadas em casa não é diferente, por isso os professores precisam pensar bem o conteúdo e se preocupar com o conhecimento prévio que o estudante tem. Os educadores, desde o princípio da vida acadêmica, devem se assumir, também, como sujeitos que atuam na produção do saber, pois a ação educativa “não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 25).



Ainda segundo Paulo Freire (1996, p. 25) “não há docência sem discência”, pois “quem ensina, aprende ao ensinar e quem aprende, ensina ao aprender”. Assim, ensinar e aprender constituem uma interação dialética que está presente nesse processo da temática das tarefas de casa, logo quem auxilia o estudante nas tarefas de casa também aprende.



A prática pedagógica é sem dúvida um desafio no qual se passa a estabelecer vínculo de amizade e respeito muito favoráveis ao processo ensino-aprendizagem e para que ocorra um melhor processo de ensino-aprendizagem deve haver uma análise tanto do processo pedagógico proposto pelos cursos de formação de professores, quanto da prática diária que os docentes utilizam nessa relação de aprendizagem (FREIRE, 1996).



Nesse contexto, nota-se a necessidade de desenvolver a tarefa escolar como uma atividade intencional, deixando claros os objetivos que devem ser alcançados, de modo a se



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

Na atualidade a criança é vista como sujeito que necessita ter condições especiais para favorecer um bom e crescimento e desenvolvimento, mas nem sempre foi assim, tendo sido os direitos aos poucos conquistados (ARIÉS, 1981). No Brasil, a criança era, até então, vista como um nada social, apenas contemplada pelo calendário de vacinação, mas sem existência em outros campos.

Prova dessa insignificância dada à infância é a escassez de materiais históricos a respeito de sua existência, poucas vezes a criança teve seu papel relatado em materiais e registros históricos, contudo, nas vezes que ela foi citada é possível perceber os horrores já foram cometidos e, muitas vezes pela própria família, dando sentido ao termo violência doméstica (ARIÉS, 1981).

Em cada momento histórico a criança teve papéis diferentes nessa contínua luta, mas conseguiu alcançar o direito de ser vista com sua importância e significado para a sociedade.

Por muito tempo, não se reconheceu a existência da infância e adolescência como momentos delicados do desenvolvimento humano, pois logo que adquiriam alguma autonomia física, as crianças passavam a ser vistas e tratadas como pequenos adultos, aprendendo com eles – não necessariamente com os familiares – o que deveriam saber para garantir a sua sobrevivência (SILVA, 2002, p. 24).

É fato que somente a partir da Revolução Francesa é que foi cogitado o direito de cidadania para essa faixa etária. Contudo, a violência contra a criança acompanha toda a trajetória humana, expressa em diferentes culturas. É possível encontrar registros de crianças sendo mortas pelos pais e, pior ainda, um ato aceito pela sociedade mais antiga; dentre os modelos de violência os pais podiam tanto acolher quanto negar o filho quando acabava de nascer. Na, Bíblia constam relatos que os hebreus comiam as crianças devido à falta de alimento. Na sociedade espartana, a criança era minuciosamente examinada pelo Agoge e, se não fosse perfeita, era lançada em um precipício (SILVA, 2002).

A violência contra a criança já foi tanta que nas escolas professores e inspetores de disciplina tinham livre direito de corrigir, bater, castigar e submetê-las às mais diversas humilhações, não importando sua condição, situação, fator psíquico, origem social ou fator intelectual. Na sociedade espartana as crianças eram obrigadas a brigar umas com as outras, a caçar e a roubar para aprenderem a lutar (FOUCAULT, 2000).



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

Na Inglaterra, no século XII, criou-se uma lei que tratava a morte de criança por nutrizas ou professores como homicídio de adulto. A violência contra criança e adolescente, no transcorrer da civilização, além do caráter arbitrário dos pais de decidirem sobre sua vida, sempre esteve muito vinculada ao processo educativo. Ela tem sido considerada, em todos os tempos, como um instrumento de socialização e, portanto, como resposta automática a desobediências e rebeldias (MINAYO, 2001, p. 92).

Ao buscar no passado, por meio de documentos históricos e registros, é possível perceber que foram praticadas pela sociedade formas incomensuráveis de violência de todos os tipos contra a criança – espancamento, casos de incestos, sacrifício e mutilação de crianças. Minayo (2001) faz uma pausa na sua reflexão sobre como a criança era tratada no período medieval para registrar sua indignação em relação aos maus tratos da criança ainda na atualidade, as quais ainda são mutiladas e mortas sempre que lhes são negados os seus direitos, a alimentação e os cuidados.

Segundo Minayo (2001) com a condição de especial dada à criança por meio dos movimentos de libertação francesa, ela passou a ser liberta da antiga condição, na qual era confinada e castigada como forma de punição e para que fosse educada dentro de sua própria casa, configurando-se dessa forma a violência doméstica.

Insta destaque que leis foram sendo criadas sobre incesto em condados e estados pós Revolução Francesa e a própria noção de família, bem como sua unidade como a conhecemos hoje, foi se estruturando. A questão da violência contra a criança pode sim ter papel crucial e determinante na fundação da história levando o que leva à seguinte conclusão:

Somos inclinados a concordar que o tema da violência contra a infância e a adolescência é uma forma secular de relacionamento das sociedades, variando em expressões e explicações. A sua superação é uma condição que se constrói ao mesmo tempo que a "pacificação da sociedade" e seu grau de civilização, porém necessita ser desnaturalizada e retirada do âmbito que a legitima, o processo pedagógico. O respeito a esses sujeitos sociais hoje é fundamental para que a sociedade adulta, em todas as instâncias e instituições, amadureça seu código de direitos humanos e direitos sociais. (MINAYO, 2001, p. 93).

Essa reflexão chama a atenção para dois importantes eixos estruturais da pesquisa: o primeiro é que a violência contra a criança está na base da formação social e pedagógica das sociedades e, segundo, amadurecer os códigos e direitos humanos e sociais é uma necessidade emergente que precisa se efetivar, pois somente assim a sociedade poderá se estruturar de maneira mais equânime e politicamente correta.



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

Partindo para uma releitura das formas e expressões do termo violência surge a dificuldade de compreender o conceito de violência estrutural, a qual emergiu de um longo processo histórico, primeiro de invisibilidade social, depois de uma educação que batia para educar e que tinha o incesto como forma de garantir a soberania machista sobre o indivíduo infante. Assim, a violência contra a criança encontra-se na raiz de nossa sociedade, permeando toda a sua estrutura (MINAYO, 2001).

A violência estrutural diz respeito a condição de vida das crianças e adolescentes a partir de decisões sociais, em diferentes períodos históricos e econômicos e em cada um desses momentos, a criança encontrava-se vulnerável, e seu crescimento desenvolvimento foram continuamente ameaçados. Como não existiam tratamentos psicológicos e psiquiátricos crescia-se por meio da resignação e da resiliência.

Sobre a violência infantil nota-se que “por ter um caráter de perenidade e se apresentar sem a intervenção imediata dos indivíduos, essa forma de violência aparece ‘naturalizada’ como se não houvesse nela a ação de sujeitos políticos” o que não quer dizer que não é preciso desnaturalizar suas formas de reprodução, e se possível por meio de instrumentos culturais, relacionais e institucionais (MINAYO, 2001, p. 93).

Todos os dias um número elevado de crianças e adolescentes tornam-se vítimas de violência doméstica em suas mais variadas formas inclusive por pessoas próximas, as quais deveriam zelar pela sua segurança e proteção, sejam elas pais, tios, avós/responsáveis, que fazem parte da rede afetiva e social, ratificando que a violência doméstica está presente na sociedade e configura-se como um fenômeno histórico e social.

A violência infantil envolve ainda conceitos psicossociais e interação familiar/cultural, estabelecendo uma relação vítima-agressor. Esse problema que diz respeito à sociedade e envolve diferentes profissionais, cada um capacitado em sua área de atuação para melhor atender a criança.



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

Com merecido destaque entre os profissionais das áreas de saúde, assistência social e educação, a violência doméstica contra crianças e adolescentes é considerada um problema social e de saúde pública. Sua existência pode ser entendida como criação e instrumento humano, cujo uso também pode ser regido e justificado pela sua utilidade e por seu caráter meio-fim. Desse modo, um ato de violência doméstica perpetrado pelos pais contra os filhos pode ser compreendido, por alguns adultos, como uma punição merecida por parte da criança e do adolescente, e um direito de uso dos pais que dela se utilizam durante o processo de educação de seus filhos (BARROS; FREITAS, 2015, p. 103).

Mediante o ato violento em que é colocada em risco a própria vida da criança diversos agentes devem ser envolvidos como forma de prevenção, diagnóstico e cuidados com a vítima. Prevenir, diagnosticar e cuidar da vítima são fatores essenciais, objeto de estudo desta investigação.

Assim como a violência infantil, prevalecendo o poder do adulto sobre a criança (FOUCAULT, 2000) a violência doméstica configura-se como direito dos pais em punir seus filhos ao educá-los. Daí a necessidade de se estabelecer, por meio de políticas públicas, uma rede de proteção por meio da conscientização (FAÇA BONITO), de políticas educacionais (ECA, LDB, BNCC) e de consciência coletiva que detecta mudanças no comportamento da criança, socialmente falando e do estudante (BARROS; FREITAS, 2015).

Ainda para Barros (2015, p. 103) “a ação violenta nas relações sociais e interpessoais é um meio utilizado pelo sujeito com a finalidade de se sobrepor ao outro, de transformá-lo em objeto”, existindo com isso uma subordinação, uma relação de poder e força. Contudo, o conflito não é natural, mais sim naturalizado e justificado pelo homem nos aspectos sociais e históricos que lhes competem. Perdida e desamparada nesse meio a criança se torna vítima de toda forma de abuso e degradação social, gerando um ciclo vicioso de violência.

2.1 O ciclo vicioso da violência doméstica

Este tópico pretende destacar um fato curioso na questão da violência doméstica, colocando em evidência a possibilidade de pessoas que sofreram e sofrem violência se tornarem violentas, ou seja, a criança que é submetida à violência doméstica pode se tornar violenta, reproduzindo essa ação no seu lar, tendo ela sofrido comprometimento em sua tolerância e aceitação. As pesquisas revelam essa ação, sendo essa uma dinâmica do ciclo de violência doméstica que provoca serias consequências, incidências e necessita de intervenção (BARROS; FREITAS, 2015).

Vítima e agressor envolvidos na violência doméstica estão expostos a uma situação que envolve riscos físicos, psicológicos e sexuais, causando prejuízos graves ao



desenvolvimento cognitivo, social, emocional e físico. Consequentemente a pessoa leva para a vida inteira esses efeitos negativos que podem destruir e arruinar o futuro de uma criança (BARROS; FREITAS, 2015).



Diante disso, acredita-se que buscar o enfrentamento desse tipo de situação é debate mais que necessário, vez que a vítima precisa de apoio para reparar os danos causados, sobretudo em sua psiquê. Também é preciso ofertar apoio sociofamiliar aos envolvidos, e buscar conceder o fortalecimento do vínculo familiar, estabelecendo sentimentos de proteção e harmonia. Outro fator que pode ser trabalhado é oferecer a oportunidade de conhecer outras maneiras de educar seus filhos, esclarecendo os efeitos negativos que a violência doméstica pode causar (MINAYO, 2001).



Compor uma equipe multidisciplinar que providencie apoio e acompanhamento adequados é essencial para se promover intervenção psicossocial junto à criança e punição aos agressores. A exposição das crianças à violência doméstica implica negativamente na formação de seu caráter, de sua personalidade, autoestima e qualidade de vida pois sequelas graves podem acompanhar o indivíduo na vida adulta.



Embora não se possa traçar um conjunto único dos sintomas que acometem criança e adolescente vítima de qualquer forma de violência doméstica, o impacto de sua exposição direta ou indireta às situações abusivas, bem como a frequência e intensidade dessa exposição, revelam-se como fatores de risco para o surgimento de problemas de saúde mental (BARROS; FREITAS, 2015, p. 106).



Dentre esses problemas podem ser relacionados cientificamente, os mais comuns: depressão, ansiedade, estresse pós-traumático, transtornos de conduta, alimentar, afetivo e comportamental, alguns mais graves como suicídio, ou mesmo tabagismo, alcoolismo, automutilação, comportamento transgressor, baixa autoestima, falta de concentração, dentre tantos outros problemas citados na obra de Barros. Para ele “isso indica a importância da relação familiar no desenvolvimento de boas condições de saúde mental para as crianças e adolescentes” (BARROS; FREITAS, 2015, p. 103).

da violência infantil ou doméstica é o ponto de partida para todos os envolvidos, inclusive o agressor precisa conhecer o mal que sua conduta está causando à criança em sua constituição e formação.

Uma vez expostos impactos da violência doméstica à criança e ao adolescente é preciso compreender as consequências que essa ação pode acarretar, logo em seguida busca-se a linha de acompanhamento mais adequada, entrando a intervenção, que deve ser realizada junto aos pais e agressores. O prejuízo causado à criança atinge diversos aspectos do seu desenvolvimento, entre eles o físico, o cognitivo, o emocional, variando de caso para caso e pode afetar o desenvolvimento infantil em sua totalidade, já que para aprender e se desenvolver a criança precisa se sentir segura, acolhida e aceita. Quando a criança sofre violência, não culpa o adulto que a violentou, mas a si mesma, pois é incapaz de culpabilizar alguém (HELLINGER, 2005), conforme será tratado no próximo capítulo, já que se entende que aprendizagem e violência infantil são inversamente proporcionais.

3 APRENDIZAGEM E VIOLÊNCIA

Nos capítulos anteriores, buscou-se abordar a questão da tarefa escolar e sua importância enquanto reforço de aprendizagem e a questão da violência doméstica, assim como ela afeta o comportamento social da criança. Este tópico abordará conceitos referentes à violência doméstica contra a criança e o questionamento aqui é o seguinte: como a violência doméstica pode afetar o desenvolvimento escolar do estudante? Pesquisas atuais demonstram que as emoções vivenciadas pela criança afetam negativamente em sua estrutura neurológica e cognitiva, visto que os fatores de ordem psicológica, socioeconômica, familiar, cultural, escolar e os fatores genéticos influenciam em seu comportamento e aprendizagem (SILVA, 2002).

Em comum acordo, Faleiros e Campos (2000, p. 4) em meio suas pesquisas sobre os conceitos de violência, abuso e exploração sexual, sedimentam a dificuldade em realizar os estudos referentes ao caso, pois se trata de um fenômeno antigo que exige investigações aprofundadas e sistemáticas.



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

No Brasil, atualmente, a violência exercida por pais ou responsáveis contra suas crianças e adolescentes é considerada pelo Ministério da Saúde como um problema de saúde pública de tamanha expressividade que a Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências deste Ministério determina como devem ser tratadas e notificadas as ocorrências deste fenômeno, endossando as preocupações daqueles que, em função das atividades que exercem, deparam-se cotidianamente com seus efeitos e consequências (SILVA, 2002, p. 36).

O tema deve ser discutido por sua relevância para a prática educativa, além da necessidade de trabalhar de maneira preventiva o fim de qualquer tipo de violência contra a criança e o adolescente, sabendo que o educador possui a tarefa de diagnosticar e interferir nos fenômenos dessa natureza.

De acordo com Aquino (1997) os distúrbios de aprendizagem são comumente de origem psicológica e influenciados pelos fatores emocionais. Conectado à questão psicológica este, portanto, é outro fator determinante na análise da violência doméstica: a discriminação presente na sociedade que rotula o estudante antes mesmo dele começar sua vida estudantil. Na própria família ou na escola os professores que não conhecem o poder do seu julgamento rotulam a criança fazendo com que ela sofra danos irreparáveis.

O ambiente familiar como primeiro grupo social em que a criança está inserida é um espaço de interação, vivência e aprendizado da criança e, por isso, precisa ser estimulante, orientador, harmonioso, acolhedor e, principalmente, seguro. A convivência deve basear-se em regras, respeito, ética, solidariedade e amor (AQUINO, 1997).

A família também é responsável pela aprendizagem da criança, já que os pais são os primeiros 'ensinantes' e as atitudes destes frente às emergências de autoria, se repetidas constantemente, irão determinar a modalidade de aprendizagem dos filhos (FERNÁNDEZ, 2001, p. 42).

Assim sendo, no seio familiar, a criança aprende sua cultura, conhece costumes, atitudes e ações que vão moldar sua estrutura pessoal, fazendo-a desenvolver seu caráter que será levado para dentro dos muros da escola, a ser ensinado à aprendizagem formal dos diferentes conceitos a serem sistematizados.

A violência também tem poder na formação da criança, só que negativo pois está relacionado tanto às características próprias da criança, quanto às atitudes inadequadas da família que afetam a criança enquanto pessoa em desenvolvimento. É no berço familiar que as crianças se apropriam dos saberes historicamente acumulados em sua cultura (AQUINO, 1997).



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

Sabendo que, ao iniciar o processo de escolarização, a criança traz consigo experiências antes adquiridas nos meios em que conviveu e isso lhe possibilita formar uma determinada visão sobre si mesma. É fato que a escola será incorporada no seu meio de vida, o que significa a ampliação na sua esfera de relações; nesse espaço educacional ela conhece outras crianças com as quais passa a compartilhar parte de sua vida, além de se relacionar com adultos que não faziam parte do seu ciclo familiar (FERNÁNDEZ, 2001).

O ser humano começa a aprender desde o nascimento, construindo o seu conhecimento e aprendizagem no convívio familiar. Entram nessa construção as trocas emocionais, a aprendizagem social, a observação e a imitação, processos importantes que se efetivam nesse contato (AQUINO, 1997).

Sendo assim, na família, iniciado o processo de aprendizagem, conhecido também como processo de socialização, a criança vivencia trocas afetivas e intelectuais com seus pais e familiares e, mais tarde, entre seus colegas de sala e seus professores, indicando com isso que a família e a escola contribuem efetivamente para seu desenvolvimento. Prova disso é que os problemas de adaptação escolar refletem na família e os problemas enfrentados em casos de violência familiar também reverberam na permanência da criança na escola (FERNÁNDEZ, 2001).

Essa reflexão apresenta uma problemática que inclui os espaços familiar e escolar, resultando na criança que não alcança o resultado esperado pelo professor, sem que esse profissional saiba exatamente o que acontece com ela. Depois da família, é na escola que as crianças permanecem mais tempo e nesse ambiente é possível observar o comportamento delas, tanto quanto em casa, assumindo ambos, notória importância na vida do estudante. A observação feita pelo professor e a avaliação do desenvolvimento da criança é indispensável e tem ajudado profissionais da educação e psicólogos no acompanhamento do estudante (FERNÁNDEZ, 2001).

A violência sofrida pela criança não pode ser negligenciada, mas últimas décadas a sociedade passou por mudanças profundas na estrutura familiar e também culturais refletindo diretamente nas relações familiares. Percebe-se que os pais da atualidade trabalham mais e ficam menos tempo com os filhos, triste realidade que provoca um distanciamento da responsabilidade participativa dos pais na formação dos filhos (FERNÁNDEZ, 2001).

Os profissionais da educação enfrentam, cada vez mais, sérios problemas na concretização da ação docente, por isso sentem-se inseguros e receosos ao se depararem



constantemente com estudantes com dificuldades de aprendizagem e comportamentos fora do esperado em sala de aula.



Contudo, o professor deve estar preparado para essa realidade, - a chamada diversidade do educando; o estudante chega em sala de aula com uma bagagem e o professor tem a tarefa de diagnosticar e investigar as causas desse comportamento e, se preciso, e intervir (AQUINO, 1997).



Sabendo que a violência causa problemas emocionais como medo, vergonha, depressão, ansiedade e angústia e, esses problemas, por sua vez, causam dificuldades de aprendizagem na leitura, na escrita e na matemática o professor deve oportunizar ações positivas em prol do estudante e na melhoria de sua aprendizagem (FERNÁNDEZ, 2001).



A violência é uma variável que dificulta o processo de aprendizagem e repercute negativamente na realização das tarefas escolares como o convívio escolar e o desenvolvimento do estudante, configurada sobre a realidade da criança e representada no processo de aquisição de conhecimentos, assim sendo o agente de formação da criança é a família e, se no meio dela há violência, a formação pessoal e cognitiva da criança está sofrendo graves riscos.



De acordo com Prado (1981, p. 09) “a família como toda instituição social, apesar dos conflitos, é a única que engloba o indivíduo em toda a sua história de vida pessoal”. Com frequência a desestrutura familiar pode ser percebida na sociedade contemporânea, o que influencia diretamente na formação do educando.



A evidência de que a violência desestrutura uma formação harmoniosa é o poder, a necessidade humana de amor, de respeito, de confiança e atenção, itens estes que vêm completamente ao contrário do que se configura a violência. Por meio da participação dos pais no processo de ensino-aprendizagem é possível garantir a confiança e interesse em aprender (AQUINO, 1997).



A comunicação com os filhos, permite à família observar o desenvolvimento deles conhecer as dificuldades e também compreender suas atitudes, criando assim situações para que eles estabeleçam relações e desenvolvam o pensamento crítico. A rotina de uma família que valoriza e respeita as atividades relacionadas à vida escolar de seus filhos, propicia um ambiente harmonioso de trocas e respeito mútuo (PRADO, 1981).



Diante do exposto, torna-se fundamental a qualidade do relacionamento existente entre a criança e a família, sendo que as crianças vítimas de maus-tratos, xingamentos, beliscões, empurrões e gritos terão quase sempre dificuldade para desenvolver um sentimento de identidade estável e satisfatório. Isso porque essas crianças sofrem prejuízo em sua autoestima



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

Estudos têm mostrado que as crianças são as maiores vítimas, pois a raiva, os ressentimentos, as impaciências e emoções negativas dos outros membros as atingem como se elas fossem válvulas de escape. Por isso, alguns autores falam que a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes costuma ser funcional, provocando uma espécie de homeostase. Sua fragilidade física e de personalidade as torna alvos fáceis do poder dos adultos. Levantamentos do IBGE revelam que cerca de 20% das crianças e adolescentes sofrem violência física e 80% dos agressores são seus próprios pais (MINAYO, 2006, p. 88).

Essa realidade está explícita dentro dos muros da escola e em sala de aula essas crianças são as que mais precisam de apoio educacional, ou que necessitam de maiores incentivos durante a aprendizagem. O lar onde a violência está inserida afeta todos os seus membros. Observa-se que os agressores associam a violência à punição por qualquer motivo que geram sentimento de vingança, raiva, ansiedade, ódio, dentre outros.

A violência age diretamente no emocional da vítima da agressão que decorre de acordo com a idade e condições psicológicas, em consonância com o grau de parentesco do agressor e a frequência com que ocorre a agressão.

Observa-se, em geral, que as vítimas têm mais dificuldade de aprendizagem, distúrbios de comportamento como dispersão, fobias e terror noturno, comportamentos autodestrutivos, isolamento social, atitudes erotizadas precoces com interesse por brincadeiras sexuais, dificuldade para fazer amizades, baixa autoestima e depressão (MINAYO, 2006, p. 90).

A violência durante o feitiço da tarefa escolar causa prejuízos irreversíveis e, somente com a ajuda psicológica, a criança poderá superar os prejuízos emocionais, coisa que raramente acontece, pois, a maioria das famílias brasileiras não têm acesso a tal acompanhamento. A depreciação, os xingos, o nervosismo paterno ou materno causam na criança um sentimento de bloqueio de condições importantíssimas para o seu desenvolvimento, tais como prejuízo da autoestima, formação da identidade, senso de capacidade, além da rejeição por parte da criança em relação ao aprendizado, à sala de aula, à escola e à educação como um todo (BUENO, 2012).

Alguns pais acreditam que humilhar faz parte da educação, ou que seja possível educar por meio dessa ação. Outros não conseguem se controlar, brigam, esbravejam, empurram ou abandonam a criança no local em que se está para não a agredir fisicamente. A violência psicológica está atribuída a distúrbios psicomotores, sociais e intelectuais (MINAYO, 2006).

A escola é o local adequado para a investigação e observação do comportamento e, até mesmo das condições físicas do estudante, vez que na criança ainda é mais fácil perceber esses aspectos. Por isso é tão importante o professor manter o diálogo e o contato com o estudante,

pois essa relação intrínseca entre a escola e observação da violência doméstica pode ser observada por meio do comportamento do estudante.

A conexão entre violência doméstica e escolar também deve ser foco do setor saúde. Estudos têm identificado que adolescentes agredidos fisicamente em casa correm quatro vezes mais risco de serem diagnosticados como agressivos na escola. Profissionais de saúde e de educação precisam ter mais conhecimento que os habilitem a diagnosticar e a enfrentar os problemas trazidos pelos jovens, muitas vezes como um pedido de socorro (MINAYO, 2006, p. 93).

Conforme o citado, ao procurar outros profissionais como psicólogos, por exemplo, a criança depende de relatórios elaborados pelo educador, a maneira como o estudante se comporta e socializa com os demais colegas, revelando fatos relevantes sobre sua realidade.

A tarefa de casa quando relacionada com à violência doméstica evidencia a negligência que também é vista como ponto de partida para um tipo de violência realizada contra a criança, e que pode ser observada pelo professor na sala de aula por meio do desempenho escolar do estudante. O atraso pode ocorrer se manifestar em fatores cognitivos, psicomotores, e também observado pelos profissionais da área da saúde mediante doenças causadas pela falta de alimentação e higiene, e ainda entradas em hospitais por acidentes domésticos. Esses sinais devem ser considerados para que seja evitado o pior, como crises psicológicas, psiquiátricas, neurológicas ou somáticas como depressão, ansiedade, suicídio ou o próprio fracasso escolar que culmina na desistência (FERNÁNDEZ, 2001).

Na escola devem ser observados sinais no corpo do estudante, lesões e hematomas e até mesmo aqueles mais graves como hemorragias ou osso quebrado, como a criança se comporta com a chegada do familiar ou em alguma comunicação ou pedido de socorro feito por ela.

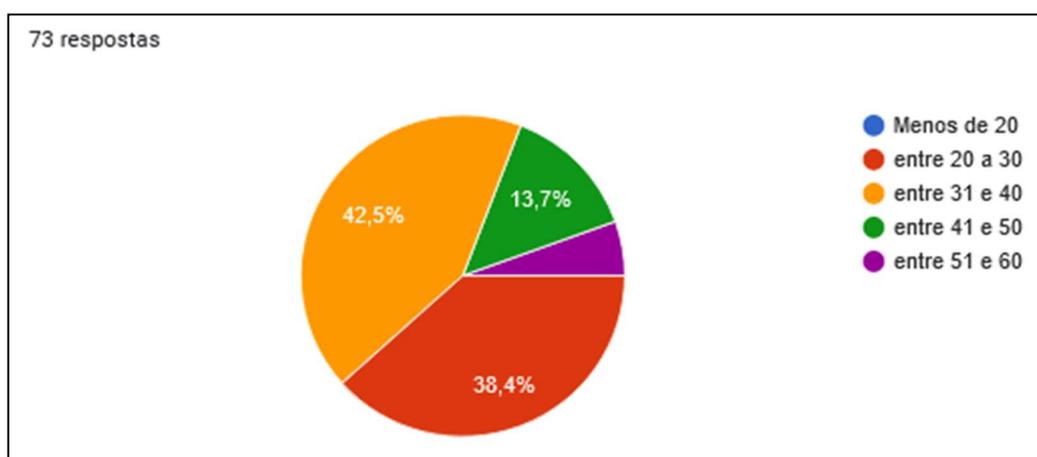
É evidente que a violência psicológica ocasiona problemas na socialização e interação com o outro, tais como infelicidade, dificuldades de aprendizagem, e de relação. A análise do desempenho escolar de crianças vitimizadas mostra que o desenvolvimento está comprometido por uma série de complicações emocionais em virtude da violência doméstica (BUENO, 2012).

O prejuízo causado no desenvolvimento cognitivo contribui para o atraso escolar dificultando a aprendizagem do estudante e pode ser observado e diagnosticado como um sinal de alerta para o professor.

4 METODOLOGIA E DISCUSSÃO

O questionário foi disponibilizado no portal Facebook (<https://forms.gle/QHpirnWGGMFT2yPF6>) do curso de Pedagogia no dia 01 a 15 de julho de 2023. Durante esse período, 73 pessoas responderam livremente ao mesmo. Dentre os respondentes a maioria tem entre 31 e 40 anos. Essa pergunta permite balizar, ao cruzá-la com as demais, se existe uma idade específica em que possa ser mais incidente a violência em relação à tarefa escola.

GRÁFICO 1: IDADE

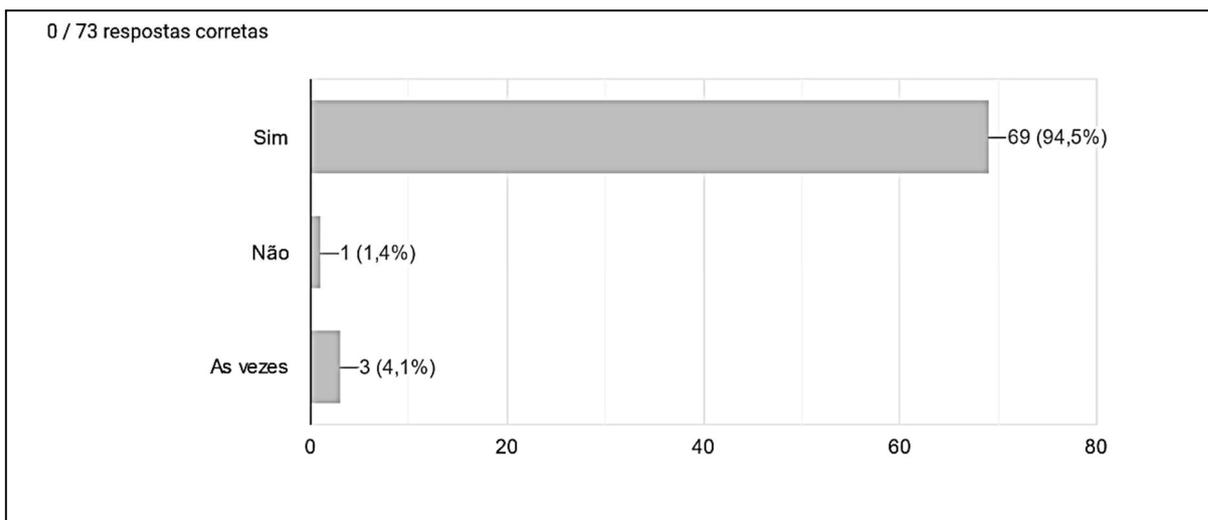


FONTE: pesquisa de campo (2022).

Responderam à pesquisa apenas 5,5% de pessoas entre 51 e 60 anos, o que se pode considerar que poucos avôs ou pessoas de mais idade acompanham as crianças, mas somado esse percentual aos 13,7% de idade entre 41 e 50 anos tem-se quase 20% que podem ser avô ou avó, ou mesmo tio.

Contudo, a pergunta seguinte sobre a condição de quem acompanha as atividades das crianças revela que o maior número dos que responderam ao questionário eram mães, 84,9%, seguido da ínfima parcela de tios e tias de 9,6%.

GRÁFICO 2 CONDIÇÃO DO CUIDADOR

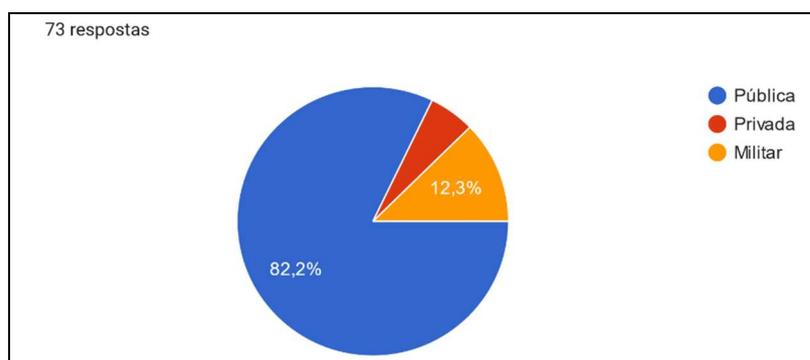


FONTE: pesquisa de campo (2022).

Quanto à tarefa ser pouco ou nada importante somente 5%, pontuaram não vê-la como fator de desenvolvimento infantil, assim observa-se comprometimento dos respondentes, num total de 94%.

Na questão cinco, a maioria das crianças assistidas pelos respondentes do questionário estudam em escola pública ou militar, somando juntos 94,5%, e apenas 5,5%, estudam em escola particular, o que pode fornecer um retrato mais realista dado que responderam livremente ao questionário; são crianças de escola pública, a maioria, e os pais têm Ensino Superior ou Médio completo, fatores importantes no balizamento qualitativo.

GRÁFICO 5: SEGUIMENTO ESCOLAR DA CRIANÇA ACOMPANHADA

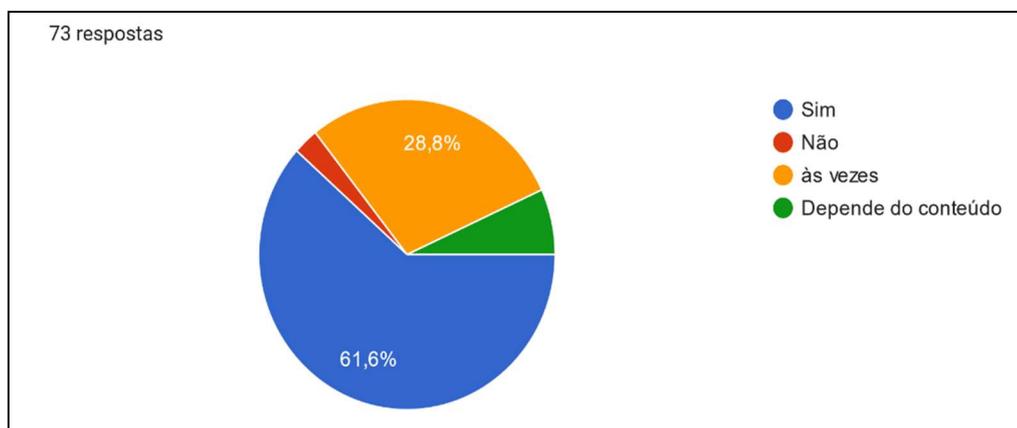


FONTE: pesquisa de campo (2022).

Este percentual de pessoas com filhos em escola pública pode indicar questões como falta de tempo, ausência paterna e dificuldades em acompanhar as tarefas escolares dos filhos.

Na questão seis, maioria dos pesquisados declarou que tem paciência de ensinar os filhos no momento da tarefa escolar e 28% disse que “às vezes”. Esse segundo número indica que 1/3 dos entrevistados não tem sempre paciência ao acompanhar a criança.

GRÁFICO 6: PACIÊNCIA EM ENSINAR E ACOMPANHAR A TAREFA ESCOLAR

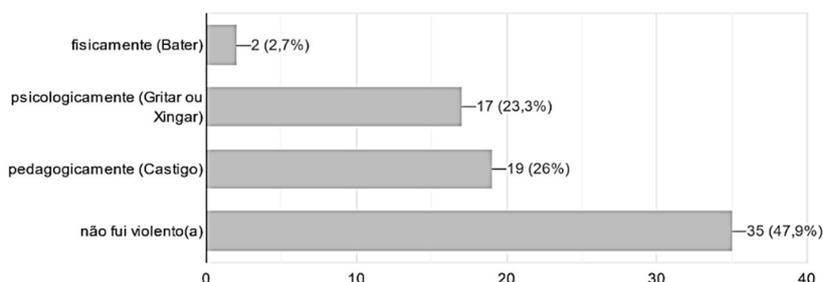


FONTE: pesquisa de campo (2022).

Somado aos 28%, temos 6,8% que afirmou depender do conteúdo e 2% assumiu não ter paciência ao ensinar, ou seja, 35% que nem sempre consegue acompanhar com qualidade as tarefas, mostrando que a hipótese da pesquisa de campo ainda é válida.

A pergunta sete é muito importante porque baliza realmente se podemos confirmar a hipótese de algum tipo de violência (física, psicológica, simbólica) praticada pelos respondentes.

CRIOU SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA?



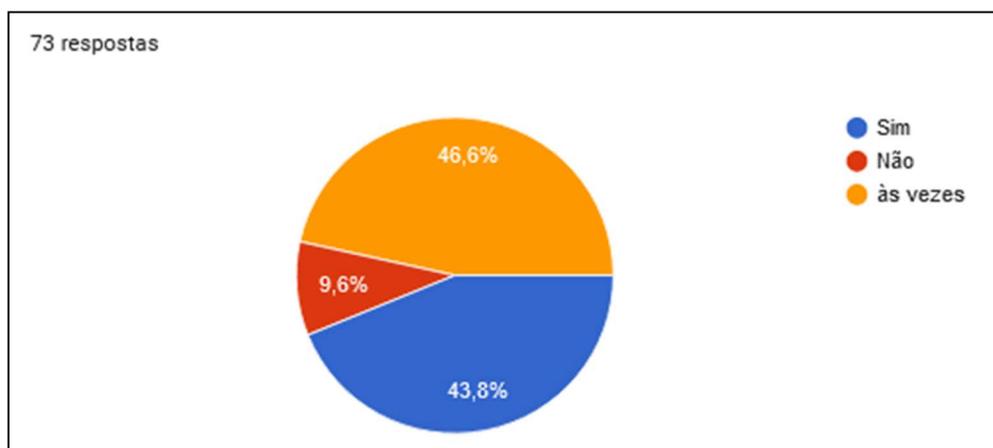
FONTE: pesquisa de campo (2022).

Neste quesito 2,7% admitiram bater, às vezes, quando perdem a paciência, o que caracteriza violência física em menor proporção, já 23,3% afirmam ter gritado ou xingado a criança que acompanha, o que caracteriza violência psicológica em proporção considerável e

26% admitiu colocar a criança de castigo por conta da tarefa escolar, o que caracteriza ao mesmo tempo violência simbólica e psicológica. Somando esse conjunto 51% dos respondentes assumiram praticar algum tipo de violência relacionada à tarefa escolar, um número alto e que confirma a hipótese da pesquisa de campo de que embora não se tenham estudos substanciais sobre o tema, a violência existe.

O contexto apresentado faz acreditar que a criança nem sempre demonstra interesse em realizar as tarefas escolares, mas que ainda na maioria das vezes apresenta gosto em estudar, ler e praticar essa atividade, logo essa pratica precisa ser motivada em sala de aula e também pela própria família em casa para que o resultado seja positivo.

GRÁFICO 8: APTIDÕES DA CRIANÇA ASSISTIDA EM RELAÇÃO Á ESCOLA (SE GOSTA DE LER, ESTUDAR E FAZER TAREFA ESCOLAR)



FONTE: pesquisa de campo (2022).

A seguir, os respondentes opinaram sobre se suas crianças aprendem com a tarefa escolar ao que 67,1% confirmaram que sim; 11% reconheceram que aprendem muito ou que, às vezes, aprendem. Por outro lado 9,6%, disseram que suas crianças aprendem pouco com essa pratica e menos de 1,3% que não. Portanto, a família tem consciência de que a tarefa escolar é uma atividade complementar colabora para o desenvolvimento do estudante.

O gosto pela leitura, escrita e atividades de aprendizagem precisa permear o cotidiano da criança, de modo que ela construa seu próprio prazer em aprender coisas novas. Além do exposto, o fato dos pais e responsáveis perceberem que suas crianças aprendem ao executarem a tarefa de casa aumentam a possibilidade de compreensão de que essa atividade é importante para a educação do aluno, e tem contribuído de forma favorável para sua aprendizagem.



Destacam-se também as falas: “A tarefa escolar é importante porque é o complemento das atividades de sala de aula e, assim, ficamos cientes do que as crianças estão aprendendo na escola”; “A tarefa escolar é importante pois serve como fixação do que foi estudado em sala, também é uma forma do pai acompanhar qual conteúdo o filho está aprendendo, qual está tendo mais dificuldade ou facilidade e assim buscar uma melhor forma de ajudar sua criança, nem que seja conversando com a professora sobre os anseios, as dificuldades do filho(a)”; “É importante, pois faz com que a criança interaja com os conteúdos trabalhados na escola, em outro ambiente, favorecendo assim a aprendizagem”; “A tarefa escolar se torna importante tanto por aluno quanto para os pais, é um momento para se observar o nível de aprendizado do filho, do mesmo modo se torna um momento para que o filho tenha a presença, e a atenção da mãe/pai no incentivo aos estudos”; “Eu acho importante porque elas precisam ter um conteúdo para orientá-las na escola e também em casa”; “Muito importante para avaliar o nível de aprendizagem da criança e sua percepção do conteúdo proposto em sala de aula”. Os depoimentos apontam para a importância da tarefa propiciar aos pais o acompanhamento da criança e do que fora estudado, além de se notar, implicitamente, o fortalecimento do vínculo familiar.

São também relevantes os seguintes posicionamentos:

A tarefa escolar é importante para revisar e frisar o conteúdo trabalhado, possibilita ao aluno revisar e treinar a matéria estudada', 'Importante, vejo como um reforço escolar também para os pais estarem atentos sobre a aprendizagem do seu filho'; 'É muito importante, pois você vê o que seu filho está aprendendo e o que a escola está ensinando, e faz parte também do aprendizado e da educação escolar de seu filho'; 'Importante porque de certa forma vai dar continuidade do que ele aprendeu na escola'; 'Eu acho importante sim mas meu filho estudo o dia inteiro a escola dele e integral aí fica pesado demais tarefa de casa'; 'Muito importante, porque reforça o que ele aprendeu na escola, além de ensinar ele a ter responsabilidade com a obrigação de ter que fazer a tarefa de casa todos os dias'; 'Eu acho importante para que eles aprendam mais com a pesquisa e também em tirar opiniões com os colegas'; 'Eu acho muito importante a tarefa porque reforça o que foi explicado em sala de aula'; 'Muito importante, pois faz a criança aprender mais'; 'É importante sim, mas no caso da minha neta tem algumas coisas meio sem lógica ela tá aprendendo as famílias das palavras e veio algumas que não tinha visto sala de aula'; 'A tarefa é importante porque é o momento que criança tem pra prestar mais atenção fora da sala de aula no acomodo de sua casa'; 'Que é muito importante para uma conclusão do conteúdo exposto em sala de aula'; 'É importante ter tarefa e assim que a criança aprende melhor'; 'Acho muito importante para o desenvolvimento educacional das crianças'; 'Eu acho muito importante porque a criança reforça o que aprendeu na escola'; 'Acho muito importante já que é o complemento do conteúdo escolar e auxilia na memorização e melhor entendimento da matéria'; 'É muito importante, pois com a tarefa o aluno pode reforçar o conteúdo aprendido na sala de aula, mas para que tenha um bom desenvolvimento, muito importante a participação dos pais na tarefa de casa'; '



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

A tarefa escolar ela e muito importante pois vai além de um reforço escolar, eu digo que se torna um complemento no auxílio a aprendizagem do aluno extra sala de aula'; 'A tarefa escolar e muito importante, pois, onde a criança abrange o seu conhecimento não só educacional mais também social onde aprende a ter responsabilidade compromisso e determinação'; 'A tarefa escolar tem total importância na educação das crianças, é o momento que une a família em prol do desenvolvimento da criança'; 'A tarefa é um fator a mais para o aprendizado e fixação dos conteúdos explicados em sala de aula pelo professor'; 'Muitas vezes as atividades não são feitas 100% em sala de aula, e as vezes essas atividades podem complementar o que foi visto em sala'; 'Acho ótima pois nós ficamos sabendo o quanto o nosso filho está aprendendo'; 'Vejo importância para reforçar o conteúdo aprendido em sala de aula'; 'Sem dúvidas é o meio de se fazer valer na prática o aprendizado aplicado teoricamente em sala de aula, fixar na mente das nossas crianças o que se está sendo colocado em questão'; 'A tarefa escolar ela ajuda o aluno em si a capacitar o aprendizado que já foi ensinado pela professora'; 'E um reforço no que aprendeu durante a aula'; 'Vejo que a tarefa escolar é um complemento no aprendizado, uma fixação do conteúdo que está sendo trabalhado em sala de aula'; 'Manter o mais fixo possível todo conteúdo passado ao aluno'; 'Pra mim a tarefa escolar é tudo pra criança aprender cada vez mais'; 'É uma forma de reforçar o estudo acontecido na escola'; 'Incentiva a criança a cada dia a aprender coisas nova a querer formar a estudar pra um futuro melhor.

As falas denotam preocupação dos pais com a questão da importância da tarefa escolar enquanto reforço escolar. Para Lourenzini (2012, p. 22):

A maioria dos alunos que frequentam o programa de reforço escolar apresentam dificuldades no dia a dia da sala de aula, especificamente nas disciplinas de português e matemática, e conseqüentemente nas demais disciplinas, visto que o domínio da linguagem oral e escrita, o raciocínio lógico são componentes fundamentais visando uma aprendizagem qualitativa.

Destaca-se a fala deste respondente: “Acredito ser importante, desde que não seja exagerado”, na qual se percebe que o acúmulo de tarefa escolar pode sobrecarregar os pais que, na maioria dos casos, nem sempre têm tempo suficiente para acompanhar como deveriam e com a qualidade de acompanhamento desejada.

Noutra fala, temos: “A tarefa escolar é muito importante porque eles aprendem muito coisas boas e importantes para eles mesmo, é importante porque fora da escola não aprende nada de bom”. Nota-se aqui que o respondente alia a tarefa com aprender “coisas boas”, já que contexto fora da escola é ruim.

Dois outros respondentes afirmaram que a tarefa escolar tem relação direta com o estresse dos mesmos, conforme segue: “Acho em muitos casos desnecessário, e outra os pais

quase sempre não tem tempo pra acompanhar aí se torna um momento estressante pra criança”, “Acho que não ajuda muitas vezes só é estressante”.

Três outros relacionam a tarefa escolar à responsabilidade, conforme segue: “Reflete responsabilidade, a criança necessita dessas atividades para sentir um vínculo maior com a escola”; “Reforça o aprendizado na escola, e dá ao aluno responsabilidade para com as tarefas e incentiva a continuar o que se aprende na escola com ajuda e colaboração dos pais”; “Ajuda a desenvolver senso de responsabilidade”. Talvez a palavra responsabilidade aqui seja sinônimo de autonomia.

Nessa fala, um tópico importante fora trabalhado diversas vezes durante a pesquisa e o respondente relatou sobre a importância da família em conhecer o desenvolvimento do estudante, ou seja, saber como “anda” o seu conhecimento a respeito do conteúdo estudado, do vínculo familiar e com a própria escola, podendo os pais conhecer também o trabalho do professor. A mesma observação aparece nas falas seguintes: “Além de ser uma atividade extra a família passa a conhecer o desenvolvimento do estudante”; “É de suma importância para o aprendizado da criança e também para a criação de vínculo da mesma com a família e com a instituição de ensino”; “Além de ajudar a criança para mim cria um vínculo maior entre pais e filhos!”.

Discordando completamente com o participante anterior a fala a seguir não pontua nenhum tipo de benefício na tarefa escolar, ao contrário, essa atividade pode ser opressora para a criança que já chega cansada à sua casa. Vale ressaltar que a leitura cotidiana realizada no lar contribui para o desenvolvimento da escrita e leitura do estudante, com o gosto e desejo por ler cada vez mais e, conseqüentemente com o desenvolvimento cognitivo e social do sujeito em formação.

“Não dá tarefa, pois trabalho e quem faz sou eu!”; “Eu discordo da tarefa de casa, a criança chega da escola cansada, e a tarefa torna opressão para essa criança”. Nesse caso, o responsável acredita que o reforço escolar é fundamental para o desenvolvimento do aluno e as tarefas de casa são desnecessárias pois acreditam que sejam não complementares ao conteúdo trabalhado o que acaba que os próprios pais fazem as atividades escolares.

É fundamental que seja aplicado o reforço escola, em minhas respostas fiz colocações que aparentemente demonstram desinteresse nos estudos de meus filhos, no entanto acredito que sejam necessárias as atividades para casa, sendo as mesmas de grande necessidade para o desenvolvimento do aluno, e que esteja relacionado com o assunto aplicado em sala, dessa

forma o aluno conseguirá assimilar melhor o assunto e os pais acompanhá o aprendizado da criança.

A participação de pais e responsáveis e da pesquisa de forma geral é fundamental para perceber como a proposta da tarefa de casa tem chegado até as casas dos estudantes e como as pessoas percebem o seu significado. Felizmente a maioria consegue perceber os benefícios dessa prática e, com respeito aos que discordam, é preciso que a criança ocupe seu tempo com leituras e estudos, de forma que em um futuro próximo o cenário do analfabetismo funcional possa ser, ao, menos amenizado. Além de que estreita os laços familiares, já que nessa era os pais trabalham geralmente o dia todo e, à noite, no momento da execução das atividades há espaços para o aprendizado, troca de carinho e presença efetiva que gera segurança na criança para que explore os saberes.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa objetivou discorrer sobre a questão da tarefa escolar em relação ao seu significado, relevância e aplicabilidade. A partir dos autores referenciados elucidou-se que ela funciona como um mecanismo pedagógico de aprendizagem, seja como reforço, seja como complemento escolar.

Depois, procurou-se, por meio do ECA e da legislação vigente no país, aclarar o que fosse violência infantil e como ela incidia teoricamente sobre as crianças vítimas. A partir dos autores referenciados, constatou-se que a violência, seja física, psicológica ou simbólica, afeta as crianças em seu desenvolvimento bio-psico-motor.

Por último, foi estabelecida uma relação entre tarefa escolar para casa e ação violenta de pais, familiares ou cuidadores que acompanham tais tarefas e comprovou-se que esse tipo de violência é possível e afeta negativamente as vítimas, sobremaneira em sua aprendizagem.

A culminância do estudo se deu com uma pesquisa de campo que objetivou perceber que a hipótese elencada - que de fato existe violência infantil relacionada com a tarefa para casa foi confirmada. Foram pesquisadas 73 pessoas que voluntariamente responderam ao questionário contendo dez questões, disponibilizado no Facebook do curso de Pedagogia e os resultados foram exarados a partir do tópico 3.2 do capítulo três com análise qualitativa dos dados.

Na busca de uma melhor compreensão a respeito da tarefa de casa, sua importância metodológica, e conceitos acerca de sua representatividade no âmbito escolar, bem como do tema instigante que é a violência doméstica contra a criança também tratada como violência

infantil, depois de apresentados ambos os conceitos, foi traçada uma relação entre ambos, e sistematicamente concluído que a tarefa de casa pode fazer parte dessa ação violenta dentro dos lares das crianças.

Atualmente o número elevado de crianças e adolescentes tornam-se vítimas de violência doméstica, em suas mais variadas formas, sendo praticado por pessoas próximas, as quais deveriam zelar pela proteção e cuidados da criança, que submetida a essa situação corre enorme perigo e sofre prejuízos em seu desenvolvimento pessoal e escolar.

Os pais/responsáveis fazem parte da rede afetiva e social infantil e não possuem nenhum direito em praticar a violência. A violência doméstica nessa faixa etária por sua vez está presente na sociedade e configura-se como um fenômeno histórico e social.

Vale destacar a necessidade de um trabalho junto aos pais/parentes/responsáveis para que seja reduzido o comportamento agressivo e sensibilizá-los do seu papel afetivo e formador que eles possuem no processo de construção da aprendizagem de seus filhos, netos, enteados ou sobrinhos. A intervenção de maneira afetiva é uma prática que colabora para a aprendizagem dessa nova forma de relacionamento entre pais e filhos. A violência doméstica precisa ceder espaço à paciência, ao humor e ao lúdico na aprendizagem, de modo que as crianças gozem de todos os seus direitos, sem exceção.

Considera-se que os objetivos do estudo foram atingidos e os resultados poderão contribuir positivamente para a ampliação do debate acadêmico sobre essa questão tão pouco abordada, mas importantíssima - a violência no ato de aprender.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AQUINO, JG. **Erro e fracasso escolar na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Sumus, 1997.

BARROS, AS; FREITAS, MFQ. Violência Doméstica contra crianças e adolescentes: consequências e estratégias de prevenção com pais agressores. *Pensando fam*; 19(2): 102-114, dez. 2015. ilus, tab. **Disponível em:** <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-778191>>. **Acesso em 04 fev. 2023.**

BUENO SI. Os deveres de casa e sua função nos anos iniciais do ensino fundamental. *Rev. EntreVer*, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 44-51, jul. /dez. 2012. **Disponível em:** <<http://stat.ijie.incubadora.ufsc.br/index.php/EntreVer/article/view/3509/4187>>. **Acesso em 04 fev. 2023.**

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 12 jul. 2022.

CALCAGNI FG. **A tarefa de casa como ferramenta capaz de colaborar com a autorregulação do aluno**. 2012. 55f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

FALEIROS ETS.; CAMPOS JO. Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e de adolescentes. Brasília: Unicef, 2000. Disponível em: <<http://www.cecilia.org.br/banco/violencia.htm>>. Acesso em 04 fev. 2023.

FERNANDES E. **A hora de estudar sozinho e ver o que aprendeu**. Nova Escola, São Paulo, n. 243, p. 44-51, junho/julho 2011. Disponível em: escolar/hora-estudar-sozinho-ver-aprendeu-636075.shtml> Acesso em: 20 maio. 2022.

FERNÁNDEZ A. **O saber em jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE M. **Educador, educa a dor**. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HELLINGER B. **Ordens da ajuda: um livro de treinamento**. Patos de Minas: Atman, 2005.

LIBÂNEO JC. Didática. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

LOURENZINI ML. **Reforço escolar: uma estratégia de política permanente para auxiliar o processo ensino aprendizagem no município de Foz do Iguaçu**. Monografia. Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira, 2012. Disponível em: <http://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/20956/3/MD_EDUMTE_VI_2012_16.pdf>. Acesso em 04 fev. 2023.

MINAYO MCS. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. Temas em Saúde collection.

_____. **Violência contra crianças e adolescentes: questão social, questão de saúde**. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil. Ago. 2001, Volume 1, Nº 2.

MOÇO A. **Lição de casa com a web 2.0**. Nova Escola, São Paulo, n. 229, p. 40-43, jan./fev. 2010. Disponível em: Acesso em: 20 mai. 2022.

NOGUEIRA MG. **Tarefa de casa: uma violência consentida?** São Paulo: Loyola, 2002.

PRADO D. **O que é família**. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos).

ROSAS FK.; CIONEK, MIGD. **O impacto da violência doméstica contra crianças e adolescentes na vida e na aprendizagem.** Conhecimento Interativo, São José dos Pinhais, v. 2, n. 1, p. 10-15, 2006.

SILVA LM. **Violência doméstica contra a criança e o adolescente.** Recife: EDUPE, 2002.

SOUZA ASB. **Tarefas de casas: sim ou não?** Material apresentado à Secretaria de Estado da Educação do Paraná – SEED. Londrina, 2010.

Enviado em: 31/10/2023.

Aceito em: 07/02/2024 (Artigo pré-aprovado nas bancas de TCC da UEG UAB 2022/2).

REEDUC
REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO